

# A revanche das paixões e a presença de Hassner



Daniel Afonso da Silva, historiador, SP 29/05/2018

Pierre Hassner fascina e intimida. Provoca e constrange. É um intelectual à moda antiga. Um professor. Um mestre. Um erudito.

Romeno de Bucareste. Judeu de nascimento, católico por imposição. Esse senhor de 85 anos – que vem de nos deixar no último sábado, 26/05/2018 – viveu o mal nazista e o mal comunista. Sua terra natal fora invadida pelos homens de Hitler e pelos homens de Stálin. Para viver, sua família se converteria ao catolicismo emigraria para a França. Expatriado em Paris, Hassner conheceria os escritos e depois a pessoa de Raymond Aron ainda nos anos de 1940. E com Aron iniciaria intensa interação e cooperação intelectual.

Com a morte do pai de *Paix et guerres entre les nations*, Hassner segue seu mais fiel e disciplinado intérprete e seguidor.

Fino e refinado observador e analista do meio internacional, Hassner é dos mais importantes e eruditos estrategistas dos dias que correm. Ombreia Kissinger, que ainda vive, e Brzezinski, que já se foi. Seu oportuno *La revanche des passions – métamorphoses de la violence et crises du politique* é a mostra mais contundente dessa sua condição.

Lançado neste outono francês de 2016, o livro reúne diversos artigos de Hassner sobre a mutação da realidade internacional e suas consequências. Nele encontramos diálogos com os principais observadores internacionais de todos os tempos. Da filosofia à história ao *establishment*. De Tucídides a Maquiavel a Rousseau a Kant a Hegel a Morgenthau a Kenneth Waltz a Kissinger a François Furet. Tem-se em revista os principais temas de interesse nacional e internacional. Guerra e paz. *Virtù* e *fortuna*. Bem e mal. Força e impotência.

O núcleo do raciocínio do livro advém da convicção de Hassner na força das paixões no ordenamento da vida política nacional e internacional.

Ele evoca Hegel que sugeria que “*nada de grande e importante se faz sem paixão*”, Spinoza que intuía que “*não se pode vencer paixões tristes e malélicas que por paixões positivas*” e Raymond Aron que vaticinava “*aqueles que acreditam que os povos seguirão seus interesses mais que suas paixões não entenderam nada do século XX*”. Sua intuição propõe que no século 21 as paixões continuarão centrais.

Sua exposição é clara, porém exigente. Em sua periodização aparente, após a grande paixão que foi o comunismo, o liberalismo parecia ter vencido. O fim da história imperado. O mercado virado deus.

Mas veio o 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. O 15 de setembro de 2008 em Wall Street. O 18 de dezembro de 2009 em Copenhague. O 19 de abril de 2011 na Líbia. O 6 de janeiro de 2015 na França.

Ou seja.

A revanche dos povos. A crise financeira. O contencioso energético explícito. A crise ecológica evidente. A amplificação de riscos geoestratégicos. A agudização da violência em toda parte e por todos os meios. A despolarização do mundo – a implosão do “multilateralismo” se é que ele existiu em algum momento. A retração dos países emergentes. O fundamentalismo islâmico. A represália autocrática chinesa e russa. A fragmentação das paixões.

Malgrado os dados que indicam a diminuição da criminalidade mundo afora – Steven Pinker e seu *The better angels of our nature* na dianteira –, a violência e a insegurança jamais foram tão evidentes. E o mundo hodierno, constata Hassner, é dos mais perigosos de todos os tempos.

Os morticínios do 6 de janeiro e do 13 de novembro de 2015 em Paris demonstram as graves falhas de previsão e contenção nos dispositivos de

segurança franceses, europeus e ocidentais. Os deveres weberianos dos estados esboroaram. Desde muito impotentes, agora viraram claramente incosequentes à percepção de todos os cidadãos. Por conta de *Daech*, mas não só.

*Daech* luta em nome de paixões. As mesmas paixões dos cidadãos dos estados ocidentais. Mas com sinais invertidos.

Enquanto os ocidentais sugerem amar a vida, *Daech* elogia a morte.

Outrora o mundo liberal era superior em capacidade técnica e militar. E com isso constrangia os demais. Especialmente organizações ancestrais ao *Daech*.

Mas isso ficou no passado.

Ao “ganhar” a guerra fria, esse mundo liberal acreditava ter ganhado a paz. E essa paz fora alienada em paixões nacionais, étnicas, institucionais como a consolidação da União Europeia e o revigoramento das Nações Unidas. Mas também na ode à globalização, a “aldeia global”, à “comunidade internacional”.

Mas comunidade sugere níveis de solidariedade capazes de impor a congruência de paixões. Isso não ocorreu.

O mundo que nos toca viver, por isso, segue triste, perverso e instável.

Paixões sem moderação, sugere Hassner, viram organizações criminosas – *Daech*. Moderação sem paixão conduz à impotência – o resto; nós.

Até quando?

**Fonte:**

<http://www.frentepelasoberania.com.br/politica/a-revanche-das-paixoes-e-a-presenca-de-hassner/>



